

C. M. B.
BIBLIOTECA

BOLETIM SOCIAL

DE TRABALHADORES DA TEBE PARA TRABALHADORES

PROPRIEDADE DO CLUBE DESPORTIVO DA TEBE

Redacção e Administração: Campo 5 de Outubro, 39 - Ric

Composto e Impresso na Tipografia «VITÓRIA» - BARCELOS

Editor: João Baptista Cândido da Silva

Director: ANTONIO BAPTISTA

Redactores: Joaquim Rodrigues e Eduardo A. da Silva

O Trabalho, dever de solidariedade social

Pelo DR. MÁRIO NORTON

PASSOU há dias o 20.º aniversário do Estatuto do Trabalho Nacional, a magna carta dos trabalhadores portugueses.

Encerra este diploma princípios de tão alto valor social, económico e político que importa não esquecer e, por todos os meios, tornar mais conhecido e sentido nas relações diárias do mundo do trabalho.

Notei que alguma coisa se fez, para assinalar tão importante data, não sei, contudo, se ela foi devidamente apreciada na vida sindical, pois nenhuma organização operária a devia ignorar e era até dever oficial dar-lhe, todos os anos, merecido relevo adentro dos próprios Sindicatos.

Dá-nos este Estatuto no capítulo «Do Trabalho», o conceito base da nossa organização social: «o trabalho em qualquer das suas formas legítimas é para todos os portugueses um dever de solidariedade social». Este dever de solidariedade só pode estruturar-se quando assente num regime de livre e leal colaboração entre o capital e o trabalho.

Depois deste entendimento nas relações entre os dois citados factores da produção, estejamos certos que se há-de impor, nas suas linhas mestras, o princípio acima enunciado.

Numa sociedade fortemente impregnada de sentimentos individualistas, onde o egoísmo imperou com manifesto desrespeito pela solidariedade, o interesse de cada um se sobrepuja ao da comunidade, a excessiva liberdade económica descambava em desordem e prejuízo da unidade que o sentido da Nação exigia, e o problema social se agravava, sem solução, numa feroz luta de

ORGULHA-TE DE SERES PORTUGUÊS

Por M. L.

PORTUGAL é a tua Pátria, isto é a terra onde vivem todos aqueles que falam a tua língua, que comungam das tuas crenças, que veneram os mesmos santos, que se orgulham de iguais tradições e recordam as mesmas lendas, que têm os mesmos velhos costumes e que andam embalados por um mesmo ideal patriótico.

É Portugal a terra que vai do Minho ao Algarve, como Portugal é a terra de Angola, de Moçambique, da Índia, de Macau e Timor. É português o solo que dá o vinho, o azeite, a cortiça, como português é o que dá a banana, o café, o algodão, a borracha e tanta coisa mais.

Portugal é hoje uma grande nação que se impõe ao mundo por altos exemplos de patriotismo, de ordem, de trabalho e de confiança nos seus dirigentes...

... Mas nos recuados tempos do séc. XII a Pátria lusitana, era um simples condado, confiado por prémio a um grande senhor, destemido guerreiro nas lutas contra os mouros infiéis.

Com Afonso Henriques porém surge na Europa um novo reino: Portugal!... Mas tão pequenino era que mal se delimitava ainda no contoso mapa dessas eras.

Os Portugueses porém brandindo montantes e de alma ajoelhada em preces fervorosas, fizeram recuar adiante dos seus exércitos as hordas muçulmanas, como mais tarde recuaram adiante das caravelas os monstros das lendas e os horrores dos mares desconhecidos.

Portugal era já um vasto Império pois a bandeira das quinas fluía aos mais diversos ventos, ora brandos, ora ciclónicos, em remotos pontos doutras terras, doutros mares e doutros céus.

Um dia esses fortes braços que erguiam os montantes, caíram extenuados, embora a alma ficasse ainda ajoelhada no altar da Patria.

Portugal não era uma nação livre, mas os portugueses tinham consciência da impossibilidade de perderem para sempre a sua independência.

Passam-se 60 anos em triste e pesado cativo, mas esse sentimento tão puro, esse arreigado e forte nacionalismo, fez um dia estremecer a terra portuguesa ao grito vitorioso de Real, real, por El-Rei de Portugal.

E a Patria continua a sua vida de lenda entre glórias e sobressaltos, riquezas fabulosas e perdas graves, sempre amparada por homens de valor: guerreiros intrepidos, santos missionários, sábios de relevo, políticos de génio, poetas de almas delicadas, escritores de pensar profundo...

Aquém e além mar as velhas fortalezas e os humildes padrões e cruzeiros, são o testemunho do valor da raça portuguesa. Quantos rasgos de heroísmo, quantos sacrifícios abnegados, quantas vidas moças, roraram o preço da glória e da honra de Portugal.

E hoje que o País retomou o caminho de tantas velhas tradições, todos devemos sentir orgulho em ser portugueses.

A BARCELOS — CIDADE RAINHA

*Eu amo Barcelos... tanto...
Ai tanto... que eu não sei...
Se no rio me perdi,
Quando nele naveguei,
Se no seu leito... eu vi
Tudo que sempre sonhei...
Sonhei amar, neste mundo,
Alguém sonhando comigo...
Eu vi uns olhos... assim...
Único êxtase amigo...
E o rio correndo, enfim...
Corre em minha alma, comigo.
O rio das lavadeiras,
Das canções de m'embalar!
Embala meus olhos tristes,*

*Deixa-os dormir... sonhar...
Ó rio que me sorriste
Nas noites do meu penar!...
Rio lindo!... Rio Cávado!...
Cheio de encantos, d'enganos
És sempre moço e garrido,
Embora com muitos anos...
Ao lado tens a grandeza,
Em pedras feitas de história...
E o Castelo de Faria?
Será sempre uma glória...
Barcelos Rainha ou não,
Qu'importa isso, afinal,
Es do Cávado a mais linda,
Das terras de Portugal.*

Barcelos/Outubro/53

Eduardo Alves

(Continua na página 2)

Nem só progressos materiais...

Por A. ROCHA MARTINS

Não será temeridade afirmarmos que o mundo de hoje vive uma era de euforia e crença absoluta nos progressos materiais como se deles dependesse totalmente a felicidade dos povos.

Basta estendermos o olhar pelo mundo, atentar no pensamento que o domina, ler e meditar a sua imprensa mais representativa e ouvir as declarações dos seus mais altos mentores para concluir, a breve trecho, da importância decisiva que exerce sobre os povos o progresso científico e material.

Não há dúvida que o materialismo conseguiu impor-se, dominar as consciências e exercer sobre os espíritos menos reflectidos uma irresistível sedução.

Apesar disso, o homem sente a permanente aspiração para o infinito e na sua alma surge uma voz íntima à qual os mais avançados progressos deste mundo materializado é incapaz de dar resposta satisfatória.

Ocorre-nos ao pensamento o conhecido e expressivo episódio da vida de Santo Agostinho. Depois de peregrinar nas sendas do pensamento e cruzar todos os caminhos do prazer mundano e das glórias terrenas, o pensador medieval, penitenciado dos desatinos cometidos e perfeitamente integrado na verdade exclamou: «o nosso coração viverá eternamente inquieto enquanto não repousar em Deus». Parece-nos, e assim o acreditamos, que todos os homens inundados no mar imenso das prodigalidades desse progresso material e plenos do enobrecimento criado pelo avanço científico terão, em horas calmas e serenas, se quiserem ser sinceros consigo mesmos, de repetir ardentemente as mesmas palavras de Santo Agostinho e, ao mesmo tempo ou conseqüentemente, sentirão o vazio de tudo

(Continua na página 2)

O Trabalho, dever de solidariedade social *Nem só progressos materiais...*

(Continuação da página 1)

classes, é ousado lançar o princípio de que "o trabalho é um dever de solidariedade social" porque é difícil a sua compreensão e acatamento na mentalidade dos indivíduos.

Se alguns logo o admitiram, ou por espírito desempoeirado e sem facciosismo aceitaram a sua legitimidade, mesmo assim, ainda se deixaram vencer na transposição das suas conclusões intelectuais ou sentimentais para o campo da prática, onde o interesse imediato fala mais alto que a consciência.

Longa e cuidada preparação exige a mudança dos sentimentos e hábitos duma sociedade.

Para que o princípio se torne efectivo e consciente, uma grande obra de educação e orientação o deve condicionar.

Para que o trabalho seja sentido e compreendido com um dever de solidariedade social, tem de haver, entre as duas classes interessadas, direitos e deveres recíprocos.

Há, pois, que conduzir as relações estabelecidas por força do novo regime de maneira que, pelo apuramento constante de factos, se chegue, logicamente, à conclusão de que o princípio está certo.

Conseguido este resultado poderemos então afirmar, sem sombras de dúvida, que a revolução tentada ganhou nos espíritos a sua última e decisiva vitória.

É o que se tem procurado com a execução metódica, serena e inteligente do Estatuto do Trabalho Nacional, promulgado em Setembro de 1933.

As relações do trabalho, que ora prendem o nosso pensamento, começaram por ser disciplinadas com a imposição de direitos e deveres tanto a patrões como a empregados e assalariados.

Do mútuo respeito pelos interesses de cada um resulta, certamente, o sistema mais natural e justo da vida: a harmonia de classes.

Em correspondência aos princípios as actividades procuraram o meio mais próprio de garantir a sua legítima defesa: a *associação*.

Assim foi em todos os tempos, pois, ainda se não descobriu melhor forma dos homens atingirem um objectivo social, que não seja pela união em volta dum fim comum.

Entramos, rasgadamente, no campo da organização profissional: as entidades patronais constituindo os seus *grémios*; os empregados e assalariados os seus *sindicatos*.

Estes organismos, elementos primários da organização corporativa, concertam entre si, e sob a direcção duma autoridade coordenadora e orientadora, o regime mais harmónico para "regular a relações entre as respectivas categorias de patrões e de trabalhadores".

Aparece, então, o *contrato colectivo de trabalho*, figura "que consubstancia a solidariedade dos vários factores de cada ramo das actividades económicas, subordinando os interesses parciais às conveniências superiores da economia nacional".

Através destes contratos as partes fixam as "normas relativas ao horário e disciplina do trabalho, salários ou ordenados, sanções por infracções dos regulamentos, faltas regulamentares, descanso semanal, férias, condições de suspensão ou perda de emprego, período de garantia deste no caso de doença, licença para serviço militar, tempo de aprendizagem ou de estágio para o pessoal entrado de novo e cotas de comparticipação das entidades patronais e dos empregados ou assalariados nas organizações sindicais de previdência".

A reforma social legislada e prometida ganhou corpo indiscutível de realidade, está em pleno vigor e franco desenvolvimento, não ficou a dormir eternamente nas colunas do Diário do Governo como noutros tempos sucedeu, entre nós.

Hoje, já não é a letra morta da lei que nos informa destes princípios, já não precisamos de os procurar nos diplomas e regulamentos, é a própria vida portuguesa a falar por si, sem disfarce nem hesitação, são os

o que outrora parecia encher a sua alma e a sua vida.

Têm profunda actualidade as palavras de Cristo: "Nem só de pão vive o homem". E, não se deixe sem comentário, que essas palavras foram proclamadas contra o demónio tentador, o mesmo que enlouqueceu o mundo moderno criando, como única felicidade e bem estar, a psicologia do prazer, das riquezas e do progresso material.

Sublinhe-se, ainda, mesmo que isso provoque escândalo farisaico,

próprios trabalhadores que nos contam:

não posso ser despedido pelo patrão sem justa causa;

tenho protecção assegurada e à família em caso de acidente no trabalho;

facilitaram-me a aquisição duma casa limpa e alegre para o meu lar;

há um tribunal onde officiosamente sou protegido se não respeitam os meus direitos, sem que tenha de constituir advogado e pagar custas;

sendo cumprido tenho, em cada ano, férias pagas;

há salários mínimos e abono de família;

há protecção à mulher operária no estado de gravidez, bem como à criança;

criaram-se instituições de previdência com o fim de me defender na doença, invalidez, desemprego e velhice;

criou-se a Fundação Nacional para Alegria no Trabalho, etc.

Tudo isto fala por si, impõe-se pelo que é!

Na consciência colectiva vai-se, pouco a pouco, formando a convicção de que o princípio está certo e de que o regime não cede, vai crescendo o número dos que sentem a mensagem cristã e redentora da revolução corporativa, de Salazar; um novo espírito de compreensão social mais perfeito e mais humano vai nascendo, e se de tudo que se fez e a tanto custo se ergueu, ficar, apenas, um melhor sentimento de justiça entre todos os cidadãos, é que tudo veio por Deus, para bem dos homens e glória da Nação.

(Continuação da página 1)

que esta mentalidade conseguiu assenhorear-se de muitos que se dizem espiritualistas e até católicos. São espiritualistas e católicos na medida em que lhes permitam todas as ambições e lhes respeitem todos os apegos ainda os mais desordenados.

Aquele espírito de pobreza — desapego do mundo — preconizado por Jesus Cristo, exemplificado pelos Santos do Cristianismo e tão claramente posto em prática, numa doçura poética que penetrou de bondade e misticismo a literatura de todo o mundo, pelo santo de Assis, tem de entrar, de novo, a impregnar a vida dos povos e a purificá-los dessas materialidades terrenais capazes de os atirarem para todos os vícios e baixeiras.

Não são, na verdade, as abundâncias promanadas das riquezas e as facilidades e comodismos criados pelos progressos que geram a felicidade e harmonia dos povos. Quantas vezes isso serve para cavar as maiores desavenças e fomentar invejas e ódios irredutíveis.

Repare-se no que se passa no seio das famílias tantas vezes desavindas por causa dos bens materiais a que o coração anda demasiadamente apegado.

O homem tem uma alma espiritual e imortal que não pode ser esquecida no destino eterno para que fora criada nem abafadas as suas aspirações espirituais.

Na harmonia do todo é que se torna possível a verdadeira tranquilidade e felicidade dos povos.

Nem só, por isso, progressos materiais...

Adulação

Mais afronta a mesura de um adulator, que uma bofetada de um inimigo.

P. A. V.

Entre os animais domésticos, o mais terrível é o adulator.

BIAS

Injúria Imerecida

A pior das injúrias é aquela que a dignidade não permite que esqueça.

C. DIANE

Inimigos

Deus nos livre de inimidades de amigos. — Lope de Vega.

Banco Pinto & Sotto Mayor

SEDE EM LISBOA

FILIAL EM BARCELOS

TODAS AS OPERAÇÕES BANCÁRIAS

QUADRO DE HONRA

Cabe hoje a vez à primeira operária que entrou para a TEBE:

Célia da Conceição Araújo



Oxalá que, de futuro, possamos colocar todas aquelas que, pelas suas qualidades de trabalho, o mereçam.

QUADRAS

Não te iludas com cantigas!...

Crê no que vejas e em ti.

Olha que as tuas amigas

São mais amigas de si...

Cartas de amor não sou eu

que creio nos seus enganos:

— Soror Mariana, morreu

com perto de noventa'anos!...

Silva Tavares

Imprensa

Do jornal «O Pejão» transcrevemos as seguintes palavras, que muito nos honram e que muito agradecemos:

«A pouco e pouco vai surgindo entre nós a imprensa especialmente dedicada aos trabalhadores de certas empresas industriais e fabris, imprensa a todos os títulos simpática, visto o papel que representa na elevação do nível moral e cultural desses aglomerados.

O Pessoal da Fábrica de Malhas TEBE tem agora o seu Boletim, graças à iniciativa dos dirigentes do seu clube desportivo, que em boa hora se abalançaram a tão grata como espinhosa tarefa. O seu primeiro número, bem escrito e bem apresentado, não engana quanto à sua alta finalidade e, sem dúvida, que se enquadra no «triângulo luminoso, cujos vértices serão: DEUS, PÁTRIA E FAMÍLIA» — que lhe serve de orientação.

Ao novo colega retribuimos o seu abraço sincero, desejando-lhe muitas prosperidades e longa vida».

Encarregados e Chefes de Secção

Por R. J.

É vulgar, na indústria, confundir-se um chefe de secção com um encarregado. Se bem que, algumas vezes, uma só pessoa desempenhe as duas funções simultaneamente, isto é, além de ter a seu cuidado a orientação dos serviços dentro da secção, manutenção da ordem e contacto com a Gerência da empresa, tem ainda a seu cargo a parte técnica, e, neste caso tem que ser um operário especializado, algumas vezes há, porém, em que essas funções são confiadas a duas pessoas, ficando uma com a chefia da secção e outra encarregada da parte técnica.

Dentro das funções que lhes são atribuídas, cada um, por si, tem uma que é de veras importante, e que parece ser aquela que, infelizmente, não dispensam a atenção devida. Trata-se da sua interferência junto do aprendiz ou operário que lhes parece não merecer, em muitos casos, atenção alguma. É um dos grandes males da indústria no seu aspecto de ligação entre operários e encarregados.

Não basta só que um chefe de secção sirva de vigia junto do aprendiz ou operário, fiscalizando-lhe todas as suas acções, todos os seus gestos e palavras durante as horas de trabalho. Não basta que o repreenda, com admoestações ou castigos, por mau comportamento ou por falta de atenção ao serviço. É necessário também que o aconselhe, paternalmente, animando-o a fazer cada vez mais e melhor, auscultando-o com carinho a fim de que o aprendiz venha o confiar nele, lhe manifeste os seus desejos, lhe conte as suas ansiedades, enfim, que se abra com ele e veja e sinta que tem ali um amigo com quem pode contar.

Depois deste estreitamento entre eles é a ocasião propícia para que o chefe de secção dê, os seus conselhos, não só sobre questões de serviço mas também sobre qualquer ponto em que o aprendiz lhe tenha falado e de que necessite ajuda. Quantas vezes acontece que um serviço não lhe corre bem só porque alguma coisa estranha o está a atormentar durante as horas de trabalho. E é tão simples para um superior chegar junto do seu aprendiz e com um conselho, uma palavra amiga e de conforto, arrancar-lhe a causa desse tormento dispondo-o a trabalhar com alegria e confiança!...

Isto não que respeita ao chefe de secção.

Quanto ao encarregado técnico o problema é ainda mais complexo.

Tal como o chefe de secção, se o houver, tem o encarregado técnico a obrigação de ter pelo aprendiz ou operário o respeito

e consideração que este lhe deve merecer, tratando-o também com todo o carinho e amizade, isto é, com aquele mínimo de atenção que o disporá bem para o trabalho. E, além disso, tem então a verdadeira função de encarregado técnico que é ministrar-lhe todos os ensinamentos necessários, da parte técnica, é claro, para o bom desempenho do seu lugar.

Em geral coloca-se o aprendiz junto duma máquina, dão-se-lhe umas instruções muito rudimentares sobre o seu funcionamento, apenas para que saiba quando se torna necessário pará-la por não estar a trabalhar bem ou tenha qualquer peça partida, e nada mais. O resto, assim pensa a maioria dos técnicos, virá depois. Claro que o aprendiz nestas circunstâncias passa a ser durante largo tempo nada mais que uma sentinela da máquina. Pouco ou nada aprende, e o que aprende deve-o ao seu próprio esforço.

É certo que ele tem que se esforçar no trabalho, tem que procurar desvendar por si muitos problemas, isto é, tem que procurar valorizar-se tecnicamente. Mas quantas vezes acontece quererem resolver por si qualquer dificuldade técnica e surgir-lhe logo o encarregado admoestando-o, e quantas vezes castigando-o, por não ter pedido a sua presença. Se, nessa altura, em vez do castigo surgisse a boa vontade em lhe ensinar a arranjar a deficiência notada na máquina quando viesse a reparar com nova deficiência o operário seria o primeiro a requerer a sua presença. Mas tal não acontece porque, no geral o encarregado não gosta de ensinar certos pormenores técnicos que não empobreceriam a sua ciência mas enriqueceriam os conhecimentos do aprendiz. E alguns casos há, infelizmente, em que o encarregado só procura pôr novamente a máquina em ordem quando o operário está longe dela ou até ausente do serviço.

E o resultado de tudo isto é haver muito poucos operários especializados e competentes.

Parece que o técnico, nestes casos, tem medo que o operário o venha a suplantar ou a usurpar o seu lugar. Se assim pensa e procede mostra só um complexo de inferioridade, pois a sua experiência de tantos anos, o que lhe dá um grande avanço sobre o operário, pô-lo-á a coberto de qualquer surpresa, e, além disso, tem muitas probabilidades de se tornar cada vez mais competente e instruído.

Mas, infelizmente, não pensa assim, e o resultado é ver-se não a máquina a ser submetida à vontade do operário, mas este cativo da máquina.

Mas o que se verifica na in-

Traços da física, da química e das ciências naturais

Pelo Dr. A. R. (Biblioteca do Povo)

ELEMENTOS GERAIS DAS MÁQUINAS

Denomina-se máquina a tudo que pode transmitir a acção das forças.

As forças aplicadas às máquinas denominam-se *potências*.

Aos espaços que estas (forças) vencem chamam-se *resistências*. As resistências dividem-se em úteis e passivas; as primeiras, são as que se pretendem vencer para conseguir o fim; as segundas, são as que nascem do movimento, e que se lhe opõe, em utilidade, consumindo parte da potência.

As máquinas podem ser simples e compostas. São simples quando a potência e a resistência se aplicam ao mesmo corpo, ou a corpos diferentes que actuam directamente um sobre o outro. São a corda, a alavanca, a roldana, o sarilho, o plano inclinado, o parafuso e a cunha.

São compostas as máquinas em que há corpos intermediários entre os que recebem a acção da potência e os que recebem a da resistência. Estas máquinas podem considerar-se como um agregado de máquinas simples.

Das máquinas simples focaremos só as alavancas por serem as que mais interessam e também por serem aquelas a que as outras todas se podem reduzir na sua essência.

ALAVANCAS

Alavanca é qualquer barra resistente, que pode mover-se em torno dum ponto para transmitir a acção duma potência.

O ponto em torno do qual gira a alavanca chama-se *fulcro*. Conforme a posição do fulcro em relação à potência e à resistência, assim a alavanca será: Inter-fixa, inter-potente e inter-resistente.

A *inter-fixa* tem o fulcro entre a potência e a resistência, ex. a tesoura.

A *inter-potente* tem a potência entre o fulcro e a resistência, ex. o pedal do amolador.

A *inter-resistente* — a resistência está entre o fulcro e a potência, ex. o quebra-nozes.

No próximo número focaremos a gravidade, como de costume, superficialmente.

dústria dá-se também em qualquer oficina, onde o operário aprendiz luta com as mesmas dificuldades, deparando, quase sempre, com a má vontade dos encarregados em lhe prestar os mínimos ensinamentos.

A matéria é vasta e presta-se a várias considerações. Por isso mesmo, no próximo número, continuaremos.

Traços Literários

(CONTINUAÇÕES DA PÁGINA OITO)

Antero do Quental APONTAMENTOS

descomandadamente, na turbulência e na petulância dos caminhos vãos que a nada conduzem, e cuja lembrança mais tarde o havia de torturar». Observemos, demoradamente, a sua confissão, na carta a W. Storck:

«Varrida num instante, toda a minha educação católica e tradicional (...) achei-me sem direcção, estado terrível de espírito partilhado por quase todos da minha geração, a primeira em Portugal que saíu decididamente e conscientemente da velha estrada da tradição.

«Se a isto se juntar a imaginação ardente, com que, em excesso, me dotara a natureza, o acordar das paixões amorosas, próprias da primeira mocidade, a turbulência e a petulância, os fogachos e os abatimentos de um temperamento meridional, muito boa fé e muito boa vontade, mas muita falta de paciência e de método, ficará feito o quadro das qualidades e defeitos, com que, aos dezoito anos, penetrei no grande mundo do pensamento e da poesia».

Mas mesmo no turbilhão do seu cérebro em brasa saíram estes catorze versos, que as selectas literárias nos deixam ler:

À VIRGEM SANTÍSSIMA

*Num sonho todo feito de incerteza,
De nocturna e indizível ansiedade,
É que eu vi teu olhar de piedade
E (mais que piedade) de tristeza...*

*Não era o vulgar brilho da beleza,
Nem o ardor banal da mocidade...
Era outra luz, era outra suavidade,
Que eu nem sei se os há na natureza...*

*Um místico sofrer... uma ventura
Feita só do perdão, só da ternura
E da paz da nossa hora derradeira...*

*Ó visão, visão triste e piedosa!
Fita-me assim calada, assim chorosa...
E deixa-me sonhar a vida inteira! (1)*

É Antero, grande no génio, só foi pequeno quando se matou. Talvez iludido, o Poeta, «no seu Ideário», fala insistentemente de — «imensidade eterna e viva» — de caminhadas «através do infinito» — de regresso «triumfante», mas é intuitivo que na problemática naturalista nada disto faz sentido. Fá-lo, porém, no Cristianismo, onde o sobrenatural se insere no natural e não é difícil adivinhar, na «alma delirante» do Poeta, reminiscências da problemática cristã, mas lamentavelmente esvaziadas do seu conteúdo sobrenatural...

(1) Antero do Quental, OS SONE-TOS, pág. 88.

Visado pela Comissão de Censura

para a História da Poesia

a poesia trovadoresca, com a nossa tradição lírica peninsular, com a projecção arábica, com a projecção litúrgica, etc. Poderíamos, de certo modo, demorar-nos um pouco à cerca da influência provençal, das cantigas de amor, das cantigas de amigo, das paralelísticas, das cantigas de escárnio e maldizer, etc.; mas não o fazemos por se tornarem demoradas, e, ao mesmo tempo, para podermos reatar, em síntese, a evolução poética até aos nossos dias, preocupando-nos, com mais interesse, das diferentes escolas e seus percursos.

Resenha dos Períodos Poéticos

Período Bucólico: — O criador da poesia bucólica foi Teócrito, poeta grego da época Alexandrina, que transmitiu a Virgílio toda a concepção dos idílios da natureza que o cercava. E assim, o grande Virgílio, enquadrando as suas inconfundíveis poesias de temas campestres, onde saltam as paisagens sublimes dos campos e dos rios, o azul do céu, o cantar das aves, etc. A Renascença bebeu profunda e demoradamente essência do bucolismo e tanto assim que depressa se tornou eleito na Itália, passando depois a Portugal e a Espanha. O bucolismo foi introduzido em Portugal no século XVI e o poeta que mais se distinguiu neste período foi Bernardim Ribeiro, que nos legou as églogas. Este poeta não pode ser comparado com Camões nem com Gil Vicente. Está bem longe de se aproximar de qualquer destes, faltando-lhe, em boa verdade, o espírito criador do mestre Gil e o espírito universal de Camões.

(Continua no próximo número)

Quadras

Minha vida, pobre vidal
É sombra junto de vós
Lembra um rio já sem vida
A consumir-se na foz.

António Baptista

Falta de espaço

A arrelhiadora falta de espaço não nos permite publicar neste número diverso original, do que pedimos desculpa aos nossos prezados colaboradores e assinantes.

PÁGINA DESPORTIVA

(Continuação da página 6)

FUTEBOL

Campeonato Nacional da II Divisão

No jogo realizado em casa com o Académico de Viseu o Gil Vicente saíu vencedor pela elevada margem de 9-1.

O jogo não foi difícil como se previa, e os gilistas dominaram desde o primeiro momento mantendo sempre essa toada até final. Com Eduardo a comandar a defesa e os seus avançados com um belo conjunto e frente o um adversário desorganizado, foi um resultado justo.

Em Chaves o Gil conseguiu um empate precioso pois jogou sem Alcino e Maria Nova e com Fonseca da Silva lesionado. Jogo duro por parte de Chaves que o árbitro não soube reprimir.

Em Oliveira de Azemeis, sob a boa arbitragem de Domingos Miranda, o grupo da casa venceu o Gil Vicente por 2-1. Resultado certo para o Oliveirense, que soube impor-se ao visitante. Excelente exibição do guarda-linha gilista que cada vez vai inspirando mais confiança aos seus colegas de equipa.

No Domingo, dia 18, o Gil Vicente defrontou nesta cidade o Beira Mar, aguerrida equipa de Aveiro. Apesar do nosso grupo ter exercido um domínio cerrado em quase todo o encontro, só perto do fim conseguiu marcar dois golos por intermédio de Gelucho e Franklim.

Jogo particular de júniores

No passado dia 4, no campo Ribeiro Novo, realizou-se um encontro entre as equipas de júniores do Futebol C. do Porto e um misto do Gil Vicente.

O público não correspondeu ao esforço dos organizadores, nem quis apreciar os rapazes que um dia mais tarde serão os representantes do Clube local. Foi pena, pois jogaram bem e se não fôra a falta de poder de remate da linha dianteira, talvez o resultado fosse outro.

Ao vencedor foi entregue a «Taça Padre Marcelino da Conceição».



De quando em vez

Por A. S. e Melo

Alguns ensinamentos e alguns conselhos para quem se dedica ou gosta de dedicar com a frase e o estilo da nossa língua

Nós todos: eu, tu, aquele, etc., torpedeamos a cada passo a nossa querida língua.

Os escritos, meus ou teus, têm defeitos... muitos defeitos... Porquê?... Porque não temos a preocupação de nos corrigirmos, de nos aperfeiçoarmos, de nos guindarmos acima desta indiferença colectiva.

É pois mister dobrarmos um pouco os nossos cansados olhos, ou melhor, agitados olhos, para arrancarmos das trevas em que nos encontramos as sombras e defeitos que nos impressionam...

Como este jornal é, de certo modo e com verdade, uma parcela de ansia de perfeição, não ficará mal, de quando em vez, ou de vez em quando, focarmos alguma coisa que possa ser útil, oportuno, neste período em que as alterações e os acordos nos apoquentam...

Quando houver necessidade de escrever uma palavra e não haja à mão um dicionário, pronúncia, etc., é de boa lógica, ter-se em conta a formação da palavra, comparando-a, sempre que possível, com outras semelhantes. Se se tornar necessário fugir a uma ditongação, deve observar-se o seguinte:—Se a segunda vogal for tónica e não seguida de *l, m, n, r, z*, com quem se ligue para formar sílaba à parte, marca-se com acento agudo; se não é tónica, não leva acento marcado *visto ter sido abolido o uso do trema* com que se distinguem tais casos. Assim teremos: aí, país, baú, saúde, ateísmo, conteúdo, heroísmo, viúva, ruína, altruísta, etc.

Antes de *nh* dispensa-se também o acento: fuinha, moinho, redemoinho, etc.

Com quanto e conquanto

A primeira forma exprime quantidade; ex.: com quanto trigo ficaste para as sementeiras? Dize-me com quanto? A segunda exprime concessão e emprega-se muitas vezes por embora; ex.: conquanto seja velha, não deixa de ter uma expressão feliz.

Com tanto e contanto

Escreve-se separado para designar quantidade, valor ou quando determina um substantivo seguinte, às vezes oculto, e constitui uma só palavra nos restantes casos e vem geralmente seguido de *que*; ex.: eu não posso com tanto chumbo, Fulano fico com tanto dinheiro, etc.

PÁGINA FEMININA

Querer é poder

A vontade é, de todas as actividades da alma, aquela que precisa duma mais forte e séria educação.

Ela é a razão mais viva da nossa liberdade, mas, por isso mesmo, é a que mais necessita de cuidado na sua formação.

Ter uma vontade firme e serena é próprio dos grandes corações, mas ter uma vontade teimosa e arbitraria é dos corações mesquinhos e das almas mal formadas.

Toda a pessoa normal nos seus raciocínios e na saúde do corpo, tem por força, obrigação de arcar com as responsabilidades dos seus actos, dignos ou indignos.

Ninguém tem o direito de se apoiar em desculpas pueris para obter o perdão dos seus defeitos morais. Ninguém pode apontar deslizes do recto caminho do dever, como uma herança que se tem de suportar.

Quem reconhece o bem e o mal que faz, é porque tem a noção exacta das suas obrigações de ser humano a quem uma lei moral indica um caminho só — o Dever.

Querer é poder, é um velho ditado da sabedoria popular, e realmente nada é mais verdadeiro.

Se tu quizeres serás uma rapariga séria e honesta; se quizeres serás a vida inteira uma mulher digna; se tu quizeres serás uma boa esposa, uma boa mãe, uma boa filha e uma boa irmã.

Mas para isso precisas de ter uma vontade forte e decidida, tens de escutar a voz da consciência, os conselhos dos mais velhos e dos teus amigos de verdade.

Para isso terás também de dominar os teus anseios de luros e de excentricidade; para isso precisarás de uma vida interior amplamente cheia de boas intenções e precisarás também, mais que tudo, de fortalecer a tua vontade, mas suavemente para que ela ouça sempre antes de agir, a voz da razão.

Só as pessoas anormais é que não sabem distinguir o bem e o mal, mas esses, se estão desligados dos seus deveres, é porque também perderam muitos dos seus direitos.

Ninguém tem pois desculpa de praticar o mal, ou seguir

(Continua na quarta coluna)

Um Carro de Corda

Um conto para todas as idades

NOVE horas da manhã. O céu apresentava um aspecto triste, dolente... uma chuva miudinha, impertinente, caía do alto. E Tonito, manhã cedo, saco aos ombros, lá seguia para a escola. Franzino, delgadinho, de pés descalços, de fato remendado, com o cabelo aos caracóis e um narizinho arrebitado, davam-lhe uma beleza fora do vulgar, uma simpatia radiosa, uma atracção natural, que nunca mais se esquece...

Parecia feliz e inquieto ao mesmo tempo esse menino descalço. Tonito encontrou pelo caminho o Carlos e o Zé da Tia Joaquina, todos colegas e da mesma classe...

Falavam todos três, animados, desprendendo alegria, sorridentes, embalados sem dúvida, por uma vida transbordante de seiva...

O Carlos tira do bolso direito das suas calças cor de café com leite uma gaita de beijos... e toca... toca a seu modo. O Zé da Tia Joaquina, garoto espertalhão, procura nos bolsos qualquer coisa e encontra um espelhinho, daqueles que se vendem nas feiras, e pôs-se a fazer caretas, num contentamento intencional... Tenta por gestos, caretas e sinais imitar o Snr. Professor Mateus.

O Tonito, bondoso e feliz, arrebatado e alheio a tudo, via no Zé o Senhor Professor, rindo, rindo sempre e fazendo os seus comentários... Sim o Tónio também sabia fazer os seus comentários.

— Dizia o Tonito: És tal e qual o Senhor Professor. Ai se ele sabe... ele que é vingativo, talvez não te perdoe...

— Estás enganado: Perdoa e gosta... Não é tão mau como o pintam. Acha piada e ri, ri como tu.

E os miudos, todos três, alegres, felizes, seguiam rumo à escola. Mas Tonito leva dentro dele um sonho — as crianças também têm sonhos... e o sonho de Tonito podia transformar-se em realidade... Era bem simples. Este petiz, de sensibilidade requintada, sonhava acordado, horas perdidas, junto à vitrine do Snr. Portela. Via ali um carrinho de corda, vermelho, com risquinhas pretas, e ficava, em êxtase, colado ao vidro (barreira intransponível) horas seguidas. Ai quem me dera ter um carrinho assim: dizia ele, sem cerimónia, muito naturalmente... Eis pois o sonho de

Tonito... ter um carro igual ao do Arlindinho, filho do Sr. Morgado, lá da aldeia. Como era lindo o carro do Arlindinho!...

O tempo foi rolando, os dias passavam velozes e os exames estavam à porta. Toninho estudava, estudava muito... Queria passar... era forçoso passar. Passou mesino e sem favor... Era dos melhores e mais obedientes... Era também muito inteligente este petiz descalço, de vestes remendadas, de nariz arrebitado. Os meninos que ficaram bem, tiveram todos presentes e guloseimas... só ele... pobre Tonito, tivera, de mais, beijos e abraços. Os Pais eram pobres, muito pobres. Não tinham terra sua e trabalhavam para o Snr. Morgado. Os pais só lhe puderam dar beijos e abraços, que outra coisa não tinham para dar.

Que o Arlindinho era egoísta e mau todos sabiam; mas tanto, tanto, que nem no dia do seu exame emprestara o carro é que nem todos sabiam. Pois foi verdade...

Eu vi — não juro porque não gosto, mas foi verdade...

O Arlindinho era mau, egoísta e ainda por cima mentiroso... muito mentiroso. Só quando não sabia os problemas é que se fazia amigo dos outros colegas; mas eles também já o conheciam... e não queriam nada com ele. A história do carro indignou a todos.

Na aldeia tudo se sabê... até um sonho de criança... e a história, de boca em boca, galgou todas as casas... chegando aos ouvidos do Senhor Padre António, homem generoso e bom, que, num gesto, sem espalhafato, encheu para sempre de alegria os sentidos e o coração daquele petiz pobrezinho, onde deslumbrava, bem fundo o verbo QUERER...

O Snr. Padre António dera-lhe como prémio do seu exame um carro igual ao do Arlindinho. Tonito adormeceu, nessa noite, tonto de alegria, ébrio de sonho... adormeceu a sorrir...

No dia seguinte, de manhã cedo, satisfeito e feliz, dizia a toda a gente:

— Também já tenho um carro de corda... é meu, muito meu... bem haja quem mo deu... e gritava, embriagado de alegria, este poema maravilhoso, urdido de música, na canção sublime de ver realizado o seu sonho: UM CARRO DE CORDA.

A RAINHA D. LEONOR

A par das mais altas figuras de guerreiros, de navegadores e de santos, há também figuras de mulheres, que, para sempre, ficaram nas páginas desse livro sagrado, que é a História da Pátria.

Não falamos naquele sem número de mães que animaram e incitaram os próprios filhos às lutas que a liberdade da Pátria exigia; não falamos naquelas que, com o coração despedaçado, encorajaram os marinheiros a afrontar os terríveis segredos dos mares desconhecidos; não falamos naquelas outras também que acompanharam os entes queridos para as terras do Império e a seu lado foram o sustentáculo mais forte das tradições do seu longínquo País.

Entre tantas e tantas que abnegadamente serviram Portugal, algumas há, porém, que é forçoso destacar, porque a sua obra não ficou reduzida a uma vida só, mas sim a muitas e muitas gerações futuras.

Temos neste caso a Rainha D. Leonor, fundadora das Misericórdias.

Aquele pobre coração humano tão torturado por enormes e cruéis dores, encontra como bálsamo para os seus desgostos, — a prática da caridade.

Ela foi a primeira a contribuir com uma obra de largo alcance, para minorar as desgraças dos infelizes que nada têm.

Quando a vida já bem pouco lhe interessava, pois que a morte lhe levou traiçoeiramente o único filho e pouco depois o marido, e após tantos golpes duros e cruéis de suportar, ela consagra-se inteiramente à sua obra grandiosa: as Misericórdias.

Viúva aos 37 anos de idade, desce os degraus do trono com o firme propósito de destinar inteiramente a sua vida a todas as obras que contribuam para melhorar os corpos e as almas dos pobres do seu reino.

Foi ela quem instituiu a Irmandade da Santa Misericórdia de Lisboa, e mandou construir o Supremo Hospital das Caldas e tantas outras obras mais, que bem nos mostram o seu incansável espírito de caridade e a sua piedade religiosa.

Esta nobre rainha que tanto fez pelos pobres e que mandou construir para sepultura de seu marido e filho as majestosas capelas Imperfeitas da Batalha, quis para sua última morada uma humilde campa rasa, num recanto do claustro do Convento da Madre de Deus.

São as almas grandes e que irradiam luz, as que sempre desejam viver e morrer apagamamente.

L. M.

QUERER É PODER

(Continuação da primeira coluna)

o caminho tortuoso dos vícios e da desonra.

Os que assim vivem é porque neles são mais fortes os instintos do que a sua própria Vontade; é porque têm a coragem de descer do nível da vida humana ao nível da vida animal, pois só os seres inferiores, aqueles a quem Deus não deu uma alma, é que vivem unicamente ao sabor dos seus instintos.

L. M.

PÁGINA DESPORTIVA

Dirigida por JOSÉ PIRES BIGOTE

O Oquei do mês

No dia 27 de Setembro veio visitar-nos a equipa do Vitória de Guimarães.

Um jogo bem disputado que pena foi ter sido manchado por atitudes deselegantes de alguns atletas que não souberam encarar os acontecimentos com a serenidade precisa.

A 1.ª parte findou com os grupos empatados sem marcação de tentos.

Na 2.ª parte fez-se o resultado do desafio. Pela TEBE marcaram Carvalho (1) e Querido (2); pelo Vitória, António Xavier (1) e Soares (1).

As equipas alinharam: TEBE — Sebastião, Pedras, Querido, Carvalho, Pombo e Abílio a sexto; VITÓRIA — Magalhães, Dias, Xavier, Soares e Augusto.

Arbitragem boa do Snr. Vasco Simões que pecou apenas por exagero na expulsão do nosso jogador Pombo pois não havia motivo para tal.

*

No dia 4 de Outubro a TEBE deslocou-se a Braga e realizou um encontro com o Académico B. C. no Estádio 28 de Maio.

Faltou-nos a colaboração de Pombo que se encontrava lesionado, e Querido também não deu o rendimento normal pois logo de início ficou sem um travão. Perdemos por 2-0 num jogo correcto e sob uma arbitragem com falhas.

A única nota desagradável foi a péssima organização pois as balizas não tinham rede e o delegado do nosso Clube permaneceu todo o desafio sem se sentar pois não houve a gentileza de oferecer uma cadeira para tal fim. Atitudes destas demonstram bem a pouca civilidade de quem as tem.

*

Nos próximos números começaremos a publicar algumas das principais regras de oquei destinadas ao público que assiste aos desafios da modalidade e que desconhece a maior parte delas.

BIB

Cúmulo da velocidade

Ex.: Correr à volta duma mesa a ver se se agarra a si mesmo.

EDUCAÇÃO

Desde os tempos bem remotos de Viriato, em que legiões romanas foram desbaratadas por guerrilheiros intrépidos cuja principal arma era um sólido cacete, e mais tarde no portuguêsíssimo jogo do pau, que com tanta maestria se jogava, sempre os portugueses demonstraram uma inclinação especial para os desportos à base desses pedaços de madeira com formas bem variadas.

Modernamente voltou a manifestar-se essa propensão, quando nos transformamos em campeões de Oquei Patinado. A agilidade no manejo do stick e a rapidez que imprimimos ao jogo, os grandes triunfos que são a base principal das vitórias obtidas, são bem o reflexo das qualidades combativas dos nossos guerreiros antepassados.

Mas se, sem dúvida, essas qualidades são preciosas no oquei em patins, não se deve abusar delas nem transformar o stick numa arma tantas vezes perigosa. O atleta praticante deste desporto tem a restrita obrigação de controlar o seu temperamento, que o pode arrastar a excessos, com a força de vontade necessária e numa demonstração bem clara de educação que é uma das melhores qualidades dum verdadeiro desportista. Só realmente aquele que a possui em grau rasoável, consegue controlar-se suficientemente para não dar ao público que o admira, o espectáculo sempre desagradável das discussões com colegas, das observações sem razão ao juiz da partida, e, quantas vezes, de falta de respeito aos directores presentes.

Todo aquele que assim procede não é um verdadeiro desportista nem sequer um bom elemento para o Clube que representa. Não é bom desportista porque uma das funções do Desporto é o desenvolvimento intelectual do indivíduo bem expresso na já centenária e tantas vezes repetida frase latina «Mens sana in corpore sano», que traduzida para a língua de Camões nos afirma que um corpo sã deve sempre ser acompanhado duma moral bem formada. A forma pouco apropriada como esses indivíduos procedem não é um exemplo de espíritos bem formados. Não são bons elementos para o Clube que representam, porque as apreciações que possam fazer à sua conduta ou as penalidades que dela advierem vêm influir mais ou menos directamente na colectividade cujas cores defendem.

Para todos aqueles que praticarem o oquei em patins — e não só este mas qualquer outro desporto — foi escrito este artigo que não pretende ser uma lição, mas sim uma lembrança, daquilo que tantas vezes já foi dito, e tantas vezes parece esquecer.

Atleta amigo: se queres ser na verdade um bom desportista e contribuir para um maior engrandecimento do teu Clube, medita no que acabaste de ler.

Pires Bigote

DENTRO E FORA DO RINQUE

O Oquei C. de Barcelos vai reaparecer

Os dirigentes do Clube introdutor da modalidade em Barcelos, preparam, com o maior entusiasmo, a entrada do mesmo na Taça Turismo, a última prova oficial da Associação de Patinagem do Minho, que deverá ser disputada no Estádio 28 de Maio, por eliminatórias.

Oxalá que um dos grupos de Barcelos conseguisse igualar a proeza do Oquei C. de Barcelos, que no ano findo disputou a final com o Sporting de Braga.

III

Atitude incompreensível

Resolveu a Direcção do Gil Vicente arrear o material da secção de oquei em patins, com o fundamento de que os atletas o andavam a estragar nos treinos!!!

Parece uma anedota, mas não é! Se o material foi, na quase totalidade, adquirido pelos atletas com grandes sacrifícios e cansaças; se as despesas da secção eram da inteira responsabilidade de meia dúzia de rapazes e a Direcção se alheou dos assuntos que com ela se prendiam, era justo que o problema fosse resolvido de maneira diferente, pois consta que o material vai ser vendido.

Alega a Direcção que já deu dinheiro, mas a verdade é esta: Não conquistou já a secção 3 trofeus? Não seria isto uma compensação moral para o pouco que deu aos rapazes?

Na nossa maneira de ver, os atletas têm razão, pois que se a Direcção quer acabar com a secção, os atletas querem ingressar no O. C. B. levando consigo o equipamento. Aguardemos o desfecho da questão.

III

Sacrifício inútil

Têm os Clubes de Barcelos, TEBE e Oquei, editado, com grandes sacrifícios, calendários das provas oficiais da modalidade, mas na prática verifica-se que tem sido inglório o seu esforço, pois os calendários para nada servem porque a Associação de P. do M. não envia comunicado das homologações dos jogos, nem os jornais os noticiam.

Pelo que sabemos, não voltarão a ser feitos calendários em Barcelos, e é pena!... — Golpe Livre

(Mais desportos na página quatro)

«Pipa», capitão da correctíssima equipa de Viseu, fala para o nosso Boletim

Após o jogo com o Académico de Viseu e como sabíamos que atletas e directores dos dois Clubes se encontravam no salão nobre dos Bombeiros Voluntários de Barcelos num «copo de água», oferecido pelo Gil aos Académistas que pela primeira vez visitavam Barcelos conseguimos esta entrevista com o capitão da equipa de Viseu:

Principiamos por indagar qual o seu verdadeiro nome e há quanto tempo joga futebol. A resposta foi esta:

— Chamo-me José Francisco de Abreu e jogo desde os 17 anos no Académico. Há já seis anos que pratico o futebol e enquanto puder defenderei sempre as negras cores do meu clube.

— Qual a sua opinião sobre o jogo?

— O Gil Vicente tem uma boa equipa e o resultado foi justíssimo mas o Académico jogou desfalcado de alguns elementos e eu próprio estava

com um pé inchado pelo que não pude dar a minha melhor colaboração. Se a nossa defesa estivesse a trabalhar melhor talvez o resultado não fosse tão volumoso.

— Portanto se a vossa equipa estivesse completa o resultado vinha a modificar-se?

— Se isso acontecesse o público teria presenciado uma boa partida que terminava com a vitória do Gil, é certo, mas por diferença mais escassa.

— Diga-nos, «Pipa», já conhecia Barcelos?

— Não; é a primeira vez que visito esta terra.

— A ideia que fazia de Barcelos e da sua gente confirmou-se?

«Pipa» sorriu e respondeu: a dar crédito àquilo que me contaram fazia uma ideia totalmente oposta. Em duas localidades por onde passamos pintaram a cidade e a sua população com cores tão sombrias que pensava vir encontrar uma terra de selvagens.

Mas não, tudo isto é muito diferente. É uma cidade pequena, mas bonita, e com jardins maravilhosos. Quanto aos barcelenses, como assistentes, são correctísimos e pessoalmente, as pessoas mais simpáticas que tenho conhecido.

— Como vê, amigo «Pipa», nem sempre os boatos se confirmam e ainda bem. Já ia a entrar no automóvel quando se despediu de nós, dizendo-nos: na segunda volta lá os esperamos e não se esqueça de me enviar o vosso «Boletim», pois tenho imenso prazer nisso.

*

Com um agradecimento encerramos esta entrevista, pela qual fica demonstrado que o público de Barcelos continua a dar lições de correcção num flagrante desmentido a caluniosas afirmações.

FREMANDO

Caixa Sindical de Previdência do Pessoal da Indústria Têxtil

(Continuação do número 1)

CAPÍTULO II

Direito ao Abono

Artigo 6.º — Têm direito ao abono de família os beneficiários residentes em território nacional, que tenham a seu cargo e vivam em comunhão de mesa e habitação com pessoas de família nas condições seguintes:

a) — Filhos legítimos ou perfilhados do beneficiário ou do seu cônjuge, com idade inferior a 14 anos;

b) — Netos do beneficiário ou do seu cônjuge, com idade inferior a 14 anos, quando tenham falecido ou estejam legalmente impedidos de o fazer, as pessoas a quem por lei compete o encargo do seu sustento, vestuário e educação;

c) — Ascendentes, padrastos e madrastas do beneficiário ou do seu cônjuge;

d) — Sobrinhos do beneficiário quando órfãos de pai, desde que o tio, a cargo de quem estejam, tenha sido nomeado seu tutor por via judicial.

Artigo 7.º — Os filhos perfilhados secretamente não dão direito ao abono de família.

Artigo 8.º — O limite de idade fixado nas alíneas a) e b) é ampliado para 18 e 21 anos em relação aos estudantes que estejam seguindo com aproveitamento um curso secundário ou superior, e não é de considerar quando as pessoas referidas nas mesmas alíneas sofram de incapacidade permanente e total para o trabalho.

Artigo 9.º — Não é de observar o requisito de comunhão de mesa e habitação quando os filhos e netos estejam sob a autoridade do beneficiário, e bem assim em relação aos ascendentes que se encontrem internados em estabelecimentos de assistência ou outros análogos, desde que a pensão de internamento esteja a cargo do trabalhador.

Artigo 10.º — Os ascendentes consideram-se a cargo do beneficiário quando não tenham rendimentos próprios suficientes para prover à sua subsistência. Para os ascendentes do sexo masculino é necessário, além disso, que sofram de incapacidade permanente e total para o trabalho.

§ 1.º — É considerada como rendimentos próprios a soma dos proventos (rendas, vencimentos, pensões, etc.) que concorrem na economia individual do ascendente ou, no caso de ascendente do sexo feminino casado, na economia do casal.

§ 2.º — Compete à Direcção da Caixa resolver, em cada caso, sobre a suficiência dos rendimentos para efeitos do disposto no corpo deste artigo, dando do facto conhecimento ao I. N. T. P.

Artigo 11.º — Não são consideradas para efeito de abono de família as pessoas indicadas neste artigo se exercerem profissão remunerada.

Artigo 12.º — São equiparados aos nacionais os trabalhadores estrangeiros, independentemente da reciprocidade de tratamento.

CAPÍTULO III

Prova do direito ao abono

Artigo 13.º — O abono de família é concedido a pedido dos interessados, que para tanto deverão preencher em duplicado um boletim do modelo adoptado pelo I. N. T. P. e apresentar provas do direito ao abono.

§ 1.º — O estado civil do beneficiário e o parentesco deste com as pessoas de família a seu cargo, provam-se por meio de certidões, às quais será aplicável o disposto no art.º 432.º do Código do Registo Civil.

§ 2.º — As certidões devem conter referência aos averbamentos respeitantes aos óbitos e declarar que são

passadas para o efeito do disposto no parágrafo anterior, não podendo ser utilizadas para qualquer outro fim.

§ 5.º — Anualmente devem os interessados apresentar as certidões necessárias para prova de que subsiste o direito ao abono.

§ 4.º — A Direcção da Caixa Sindical poderá admitir que a prova se faça por meio de atestados passados pelo Regedor ou pela Junta de Freguesia da área da residência do trabalhador a que o atestado respeita, ou ainda por declarações prestadas pela Empresa ou Entidade Patronal ou por dois empregados ou assalariados de categoria igual ou superior à do interessado.

§ 5.º — A Caixa Sindical deve facilitar, na medida do possível, a produção das provas e, sempre que o julgue conveniente, pode requisitar, a título oficial, às autoridades e repartições públicas ou às entidades patronais as informações de que carecer.

Artigo 14.º — Os indivíduos que atinjam 18 anos de idade, antes de matriculados em curso superior, serão considerados para efeitos de atribuição de abono de família, desde que completem aquela idade no ano civil em que possam fazer a sua inscrição no referido curso, devendo, no entanto, o chefe de família declarar que o seu descendente tem a intenção de prosseguir os estudos.

Se, porém, a matrícula não se efectuar, o chefe de família deverá repor as importâncias recebidas a partir do mês seguinte àquele em que o estudante completar 18 anos de idade.

§ 1.º — Os chefes de família que não possam provar até 31 de Julho o aproveitamento escolar dos seus descendentes em virtude de fazerem exames em épocas posteriores a esta data, não devem sofrer interrupção do abono, devendo, no entanto, apresentar até àquela data uma declaração donde conste o facto e, bem assim, o motivo da não prestação de provas.

Se o estudante não obtiver aproveitamento deixará de ser considerado para a atribuição do abono a partir do mês seguinte àquele em que fez os exames.

(Continua no próximo número)

O saber não ocupa lugar

Existe numa igreja, em Milão, um órgão em cuja fabricação se empregaram 1.400 tubos de papelão, em vez de metal. É o único órgão assim construído e os sons que emite são admiráveis.

Conservam-se no Museu Britânico de Londres, livros escritos em ladrilhos, conchas de ostras, ossos e pedras lisas, bem como manuscritos em cortiça, marfim, couro, pergaminho, papiro, chumbo, ferro, cobre e madeira. Também ali existem três biblias escritas em folhas de palmeira.

Parte do soldo dum soldado romano constava duma certa porção de sal, chamada «salarium», de onde provém hoje o nome de salário.

Os chineses já em 1232 conheciam a pólvora. Em 1242 fabrica-a o monge e sábio inglês Roger Bacon. As primeiras armas de fogo datam do séc. XIV.

O caracol gasta dez dias para percorrer um quilómetro.

Algumas máximas

A cólera prejudica o repouso da vida e a saúde do corpo; ofusca o entendimento e cega a razão. — *Diderot*.

Não gasteis nunca o vosso dinheiro, antes de o terdes na mão. — *Jefferson*.

Quanto menos se pensa, mais se fala. — *Montesquieu*.

Deve viver-se como se pode, se não se pode viver conforme se quer.

Gracian

PAINEL PUBLICITÁRIO

ESTES ANÚNCIOS NÃO PODEM SER REPETIDOS NOUTRA QUALQUER PUBLICAÇÃO

Casa do Café

Café bom, a saber bem,
Todos sabem bem qual é...
Sem mentir, posso afirmar:
É o da CASA DO CAFÉ.

Vilas Boas & Irmão

Um fato feito com gosto,
Elegância e perfeição,
Belos forros e bons preços:
VILAS BOAS & IRMÃO.

Ourivesaria da Póvoa

Do bom gosto ninguém zomba...
Oiro em casa é um tesouro...
No «Alfredo Pinto Lomba»
Troca o dinheiro por oiro.

As malhas TEBE são uma
mensagem de bom gosto...

Entram em toda a parte: Na escola,
na oficina, no campo...
As malhas TEBE levam a marca inconfundível em quatro letras apenas:
TEBE... que significam:

- T — Trabalho
- E — Elos de perfeição
- B — Beleza inalterável
- E — Elegância inconfundível

Os tules da fábrica de Malhas TEBE são mantos diáfanos, duma transparência sublime, próprios para todas as coisas de esmerado bom gosto.

Sametil... Sametil...

Para eczemas... Único com este nome. É um produto honesto a um preço honestíssimo.

À venda nas melhores farmácias

Boletim Social da TEBE

Um jornal do povo feito para o povo. Tem talvez o condão de prender a atenção e, por isso, toda a gente o respeita. Só não lhe quer bem o que não gosta, por sistema, de coisa alguma. É preciso também que haja quem não goste.

Contudo trabalhadores da TEBE: O vosso «Boletim» representa imenso trabalho... E leva alguma coisa de útil.

Traços Literários

Dirigidos por António Baptista

APONTAMENTOS

para a História da Poesia

Por Eduardo Alves

AO iniciarmos este trabalho, a pinceladas descoloridas, sem preocupações profundamente eruditas, tivemos como objectivo primordial tornar acessível e resumir, em poucas linhas, o que a história da nossa poesia armazena num sem número de folhas.

*

A poesia foi e será sempre a precursora dos mais nobres e elevados ideais, porque ela, fonte sublime do génio, é a projecção intelectual e moral mais vincadamente lusíada, semelhante a grande facho que ilumina as trevas... é a génese do nosso espírito criador... e tanto assim, que foi ela a iniciadora de toda uma história da nossa literatura.

*

Neste modesto trabalho, vamos contar, com a verdade da história e a fantasia do povo, a evolução dos fenómenos da nossa poesia.

Das três grandes épocas da nossa literatura: — Pré-história, Proto-história e História — só da última nos ocuparemos, embora expliquemos, superficialmente, a existência destes três grandes períodos.

*

Aparecerão algumas faltas neste trabalho?... Não o duvido. Mas qual é o trabalho que as não tem?... Seremos, com verdade, o mais honestos possíveis, quanto a concepções intelectuais.

Passos da Poesia na Senda Histórica

História — é a abertura solene do século XII numa trajectória que abraça e eleva uma pléiade de nomes que ultrapassaram as épocas, chegando até nós, numa união maravilhosa de escritos

Os melhores versos dos melhores Poetas

À CIDADE DE COIMBRA

Doces e claras águas do Mondego,
Doce repouso de minha lembrança.
Onde a comprida e pérfida esperança
Longo tempo após si me trouxe cego.

De vós me aparto, si, porém não nego
Que inda a longa memória, que me alcança,
Me não deixa de vós fazer mudança,
Mas quanto mais me alongo, mais me acheço.

Bem poderá fortuna este instrumento
Da alma levar por terra nova e estranha,
Oferecida ao mar remoto, ao vento.

Mas a alma que de cá vos acompanha,
Nas asas do ligeiro pensamento
Para vós, águas, voa, e em vós se banha.

Luis de Camões

preciosos, que se transcendem no espaço e no tempo.

Ora, sendo uma composição poética o nosso mais remoto testemunho literário, vamos abrir este pequeno trabalho, servindo-nos de alguns dos seus versos, cujo autor, segundo a conceituadíssima filóloga D. Carolina M. de Vasconcelos, foi Pai Soares de Taveiros. Trata-se da "Ribeirinha", composição poética impregnada de amor, inspirada por D. Maria Pais Ribeiro, a "Ribeirinha".

*«No mundo nom me sei parelha,
mentre me for'como me nay,
ca ta moiro por uos—e ay...
mia senhor branca e vermelha,
queredes que vos retraya*

.....

E D. Sancho I estabelece já uma aferição poética na seguinte cantiga de amigo:

*Ay eu, coitada como uyno
en gran cuydado por meu amigo
que ey alongada! Muyto me tarda
o meu amigo na Guarda!*

Depois de analisarmos a beleza formal poética destes quatro versos, notamos ser a mesma a língua dos nossos dias, mudando apenas a ortografia. E tanto assim é, que alguém o afirmou, mais ou menos, nestes termos:

«É tão igual a língua de hoje como a de ontem, só as palavras se transformaram, sendo contudo bastante semelhante às de 7 séculos atrás». Poderíamos alongar-nos em transcrições, desde

(Continua na página 4)

O SONETISTA DA INQUIETAÇÃO

Antero do Quental

Por CARLOS KEIL

ANTERO DO QUENTAL, poeta na excelência do termo, transcendeu-se e transcendeu a nossa poesia com sonetos maravilhosíssimos, onde brotam naturalmente os conceitos mais profundos do sentir e do acreditar. Antero, filósofo e poeta, não pertence somente a Portugal; mas também a todo o universo. É oportuno transcrever algumas das célebres frases do eminente homem de letras, Júlio Dantas, do discurso, por ele proferido, em sessão solene, na Academia das Ciências, na noite de 18 de Abril de 1942, quando se comemorava o centenário de Antero:

«A sua obra prima *Sonetos*, expressão da inquietação contemporânea perante os grandes problemas religiosos, filosóficos, morais e sociais, transcende o domínio de uma literatura e constitui no seu irradiante universalismo, pertença da humanidade». E mais adiante do seu discurso o Sr. Dr. Júlio Dantas afirmou:

«O centro de interesse da obra anterior — tem-se dito — não está no seu conteúdo literário, mas na sua opolenta substância filosófica. Não partilho inteiramente esta opinião. O filósofo existe, sem dúvida, em Antero; ou, mais exactamente, Antero dispôs, com efeito, de considerável erudição filosófica, embora, como autodidata na matéria... Contudo Antero quando deserta de Cristo aproxima-se de mil fantasmas que o hão-de lançar no abismo... Vejamos o que nos diz Agostinho Veloso no seu livro «Antero e os seus Fantasmas».

«Sem direcção na hora do acordar das paixões amorosas próprias da primeira mocidade, o Poeta precipitou-se, então,

(Continua na página 4)



SALÃO DE MÁQUINAS

É nestes salões amplos e cheios de luz que centenas de operários encaram a vida de frente... Um novo futuro ergue-se ridente na amplidão dos seus passos.

Ó máquinas cantando com nervos feitos d'aço...
Vós sois uma canção erguendo no espaço
Aquele trabalho certo... tão certo e regular,
Como o girar da terra no seu viver rolar,
É morre como nós tua alma pendular,
Num fio de algodão que parte num instante...



A. B.

SALÃO DE ACABAMENTOS